

# **FOME!**

Mural Produzido em:  
09/2008

Coordenação:  
Maria José Castelano

Acadêmicos:  
Gustavo Soares de Lima  
Juliana Valentini  
Karen Kraulich  
Karen Renata Capelesso  
Rúbia Mara Tordiotto  
Sandra Regina Ventura Popiolek

## **A Fome no mundo: A nova fonte de lucro do capital financeiro**

*Maria José Castelano*

Várias razões são apontadas para justificar a crise alimentar recente. Não há neutralidade neste debate. Segundo Jorge Romano, “em função de seus interesses e concepções, diversos atores têm destacado alguns fatores ou diluído as suas responsabilidades no conjunto deles”. Dentre os fatores apontados estão o crescimento do consumo de grãos e a carne, fatores de ordem ambiental devido ao aumento da produção de alimentos e financeiro, como o enfraquecimento do dólar, moeda usada para a cotação das commodities agrícolas nos principais mercados do mundo. No entanto, uma das principais causas da crise alimentar recente permanece oculta na grande imprensa.

Vários acadêmicos, militantes de movimentos sociais e organizações não governamentais afirmam que a atual escalada de preços dos alimentos é resultado em grande parte de manipulação dos mercados. Em outras palavras, o aumento dos preços dos alimentos é gerado, sobretudo, pela especulação do capital financeiro por meio de bancos, fundos de pensão, fundos de alto risco e rendimento. Após o “estouro da bolha” especulativa representada pelo setor imobiliário americano, estes setores passaram a investir fortemente nos mercados internacionais de produtos agrícolas, em produtos primários em formas de *commodities* e isso teve consequência direta nos preços dos alimentos pelo mundo, em especial entre os países importadores. Segundo Romano, “articulado com as empresas transnacionais que controlam a comercialização de sementes e a distribuição mundial de cereais, o capital financeiro investe no mercado de futuros na expectativa de que os preços continuarão a subir. E, ao fazê-lo, reforça essa expectativa”

Nos últimos anos os preços futuros de grãos não são regulados pela oferta e demanda, ou as irregularidades do tempo. As novas tendências do mercado agrícola são promovidas, em boa parte, pela entrada de novos fundos de investimentos. O mercado futuro chega a negociar 22 safras anuais de soja. Só os fundos são responsáveis por oito delas. Em 2007, o mercado futuro agrícola da bolsa de mercadorias da cidade de Chicago negociou 7,3 bilhões de toneladas de milho, 4,3 bilhões de soja e 2,7 bilhões de trigo. Enquanto a produção física desses produtos em 2007 foi de 780 milhões, 220 milhões e 606 milhões de toneladas, respectivamente. Ou seja, estamos falando de um “descolamento” do setor de investimentos (especulativo) em relação a economia real.

A engrenagem financeira que move esse capital especulativo pode ser entendida a partir do seguinte ordenamento: com a redução das taxas de juros feita pelo *Federal Reserve System* - Fed (equivalente ao Banco Central Americano), os fundos migraram das aplicações da renda fixa para ações na bolsa de valores Dow Jones, depois Nasdaq, para o mercado imobiliário e, após a recente crise desse setor, para as *commodities* minerais como o petróleo e as agrícolas, nesse último caso

com repercussões no preço dos alimentos.

A fome hoje é a nova grande fonte de lucros do capital financeiro. Mas o acesso aos alimentos é condição elementar a sobrevivência, afetando a vida das populações em todo o planeta. Essa contradição parece ser insolúvel dentro de uma lógica que privilegia os ganhos do capital em detrimento da condição humana. O resultado é a volta da inflação impulsionada pelo aumento do preço de alimentos, provocando até mesmo a sua escassez. Tais acontecimentos tem motivado revoltas e protestos em todos os continentes.

## **A insegurança alimentar e o biodiesel**

*Karen Kraulich*

*Karen Capelesso*

*Rúbia M. Tordiotto*

A segurança alimentar, segundo definição apresentada na I Conferência Nacional de Segurança Alimentar, realizada em julho de 1994, significa o “acesso em quantidade e qualidade de alimentos requeridos para a saudável reprodução do organismo humano e para uma existência digna”. O estado de “insegurança alimentar” se estabeleceria quando o acesso aos alimentos passa a ser ameaçado.

A pesquisa de combustíveis alternativos utilizando como matéria prima a biomassa está crescendo e vem ganhando espaço devido a questões como o aquecimento global, a futura escassez do petróleo, etc.

O transporte brasileiro é feito por meio rodoviário e mesmo que o nosso país tenha alcançado a auto-suficiência na produção de petróleo, importa cerca de 10% de petróleo fino de que necessita.

A política energética do Brasil tem se voltado para a busca de soluções alternativas ao petróleo, desde os anos 1970, com a produção de etanol da cana de açúcar. Esta produção elevou o tamanho da área destinada a sua plantação em 116%. Já as pesquisas na produção do biodiesel tiveram grande impulso no início dos anos 1980. Atualmente, desenvolvem-se projetos de produção de biodiesel a partir de plantas oleaginosas como o dendê, a mamona o babaçu e a soja.

Estudos apontam que o biodiesel de soja tem grande potencial e poderá ter sustentabilidade econômica. Entretanto, não ameniza os efeitos sobre o meio ambiente que a sua produção em larga escala representa. Além disso, a soja é uma atividade concentradora de renda e gera poucos empregos quando comparada com outras oleaginosas. A produção de mamona, babaçu e dendê pode representar uma alternativa concreta para geração de emprego e de renda no campo e promover a inserção social de agricultores familiares.

A produção dos biocombustíveis, a partir de alimentos como a soja e o milho, tem recebido críticas de vários setores da sociedade como pequenos produtores, ambientalistas, intelectuais, Banco Mundial e órgãos como a FAO. Um dos motivos das críticas seria que estas culturas põem em risco a segurança alimentar das populações pobres e o possível agravamento da situação dos 912 milhões de pessoas que passam fome em todo o mundo, com o desvio desses produtos das mesas para a produção de biocombustíveis.

A produção de biodiesel é apresentada pela mídia como um fator fundamental da crise alimentar atual. No entanto, estudos apontam que a sua produção se dá numa escala que não seria

suficiente para repercutir na alta dos preços dos alimentos. No entanto, havendo uma mudança nesse quadro, caso ocorra um aumento expressivo no cultivo de soja destinada a produção de biocombustível, poderá haver impactos sociais e ambientais negativos. A retirada de florestas para ampliar a área destinada ao cultivo de matéria prima para a produção do biodiesel, especialmente nos biomas do cerrado e da floresta amazônica, vem trazendo preocupações, principalmente para os ambientalistas.

Para o setor rural, o biocombustível surge como uma fonte de renda, incentivada pelo governo brasileiro que criou um subsídio para a sua produção. As famílias produtoras rurais passam a ser estimuladas a produzi-los. Mas isto pode se tornar uma armadilha para os pequenos produtores, pois apesar de ser uma fonte de renda, o biodiesel assim como qualquer outro produto que esteja no mercado, não está isento de sofrer com a sua volatilidade, o que traria problemas financeiros para as famílias rurais descapitalizadas.

Enfim, os biocombustíveis possuem pontos positivos e negativos e há muita coisa a ser pesquisada ainda para chegarmos a uma conclusão. Porém, a crise alimentar precisa de uma saída concreta; milhões de pessoas passando fome em pleno século XXI é uma questão inaceitável. Se o alimento existe, ele precisa chegar a todos nós, seja pelos lucros trazidos do biodiesel, ou através da melhor distribuição de renda, ou outro método que venha a surgir, a questão precisa de uma solução e rápido.

## A crise alimentar na mídia

*Gustavo Soares de Lima*

No Brasil, o aumento nos preços dos alimentos observado nos últimos anos atingiu, sobretudo, as camadas mais pobres da população e, apesar de colocá-las em situação de insegurança alimentar, não gerou conflitos civis como os ocorridos em outros países: Haiti, Egito, Indonésia e Senegal. Em parte, a ausência de protestos em nosso país pode ser explicado pela existência de vários projetos assistencialistas que amenizam o problema, como no caso do Programa Bolsa Família. Aqui, apesar da histórica desigualdade social e da pobreza gerada pelo desenvolvimento desigual de um país colonizado sob o estigma da exploração mercantil européia e, nas últimas décadas, aprofundada pela intensa submissão ao neoliberalismo, as discussões sobre a fome global nos chegam mais através do construto proporcionado pela mídia, com base na discussão internacional sobre a fome, à qual o próprio governo brasileiro está inserido.

A partir desta perspectiva, percebemos inúmeras leituras sobre as causas da fome no mundo. Uma das principais causas da fome apontada pela mídia seria a produção de biocombustíveis. Um exemplo é a recente afirmação de Jacques Diouf, diretor geral da FAO, que disse: “o resultado é que quase 100 milhões de toneladas de cereais foram subtraídas aos mercados de alimentos para destinar-se à satisfação de necessidades energéticas”.

Desde que o Banco Mundial e outros organismos têm colocado a culpa pela fome na produção de etanol, o presidente Lula tem rebatido as críticas lembrando que os EUA também produzem biocombustíveis e que, inclusive, oferecem altos subsídios para os seus agricultores dificultando, assim, que a produção de etanol de outros países possa contribuir para o desenvolvimento dos pequenos proprietários. Segundo reportagem de Alan Beattie, do *Financial Times*, os EUA propuseram uma medida na pretensão de reduzir os subsídios agrícolas. Entretanto, para o governo brasileiro esta redução seria insuficiente. Segundo a revista *Veja* a produção de etanol dificilmente prejudicaria a produção de alimentos no mundo, a não ser que os países utilizassem a produção agrícola com fins energéticos em detrimento dos alimentos. Além disso, no momento, o mundo produz mais alimento do que consome.

A mesma revista *Veja*, e no mesmo especial, afirma que a “demanda cresce, o clima atrapalha e o preço sobe”. Dentre as causas do aumento dos preços dos alimentos estariam o aumento do consumo da carne pelos chineses (para se produzir um quilo de carne bovina são necessários cerca de oito quilos de grãos) e as secas na Austrália. Lula também já havia utilizado o mesmo argumento.

De forma interessante, parte dos movimentos sociais vinculados à “via campesina” também lembram que o acordo sobre o etanol assinado por Bush e Lula traz sérios problemas como a

monocultura, destruindo a agricultura familiar.

Em meio aos discursos da mídia e de governos, bem como os dos próprios movimentos sociais, o que podemos entender como a crise dos alimentos? Afinal, a culpa seria dos pobres que estão comendo mais? Dos biocombustíveis? Dos subsídios estadunidenses? Da monocultura?

## Os protestos populares contra o aumento dos preços dos alimentos

*Juliana Valentini;*

*Sandra Popiolek*

A elevação nos preços dos alimentos, no decorrer dos últimos anos, atingiu a população dos vários continentes, principalmente os habitantes dos países dependentes, mas também as pessoas que moram nas periferias das cidades dos países de economia centrais, deixando de ser apenas um problema das classes menos favorecidas dos países pobres. A partir do momento em que uma parte da população percebe no bolso a alta dos preços dos alimentos, e outra parte significativa sente no estômago a falta de comida, é que a questão da fome passa a ser discutida pela imprensa.

Os países mais vulneráveis são os importadores de alimentos. Até 1960, a grande maioria dos países era auto-suficiente na produção de alimentos. Hoje 70% das nações do hemisfério Sul, onde vivem cerca de 4,8 bilhões de pessoas, se transformaram em importadores desses produtos. As empresas transnacionais do Ocidente controlam todo o comércio mundial do setor.

Itens essenciais da alimentação da população de baixa renda como trigo, milho, arroz e carne dobraram de preço no mercado internacional entre a safra de 2006 e início de 2008. Este período foi marcado por inúmeros protestos populares emergidos em vários países como Costa do Marfim, Egito, Camarões, Bangladesh, Índia, Filipinas, Haiti e México. Contabilizam-se mais de trinta países localizados na Ásia, África e na América Latina em situação de crise alimentar onde ocorreram conflitos provocados pelo aumento dos preços e a falta de alimentos.

No início de 2008, ocorreu uma passeata no México contra a escalada do custo da popular *tortilla*, panqueca feita de farinha de milho, que consiste a base do cardápio mexicano, reuniu mais de 75 mil pessoas na capital. Em vários países a população sai às ruas para protestar contra a alta dos preços de produtos básicos como nas Filipinas, Afeganistão, Senegal e Haiti. No Haiti os conflitos foram gerados pela elevação do preço do arroz, causando a morte de várias pessoas e deixando dezenas de feridos. Na Indonésia houve manifestações pelo aumento do preço da soja, arroz e milho e, no Egito, os conflitos foram provocados pela escassez de pão, em que várias pessoas ficaram feridas, inclusive, com vítimas fatais.

Na Argentina e na Bolívia os produtores agrícolas manifestaram-se contra as intervenções dos governos locais na tentativa de diminuir a alta de preços no mercado interno. No Peru houve protestos devido à alta do preços dos fertilizantes. Os produtores de arroz do Vietnã suspenderam as exportações para garantir o abastecimento interno e segurar os índices de inflação.

Com 8,5 milhões de habitantes, o Haiti é um dos países mais pobres do continente americano. A atual crise dos alimentos atingiu duramente os haitianos que importam a maior parte da comida que consomem, resultado de políticas de livre mercado que sufocam a produção



nacional. O Haiti, até a década de 1980, produzia todo o arroz necessário para alimentar sua população, mas em meados dos anos 1980 o ditador haitiano Jean Claude “Babe Doc” Duvalier fez acordos com o FMI e o Haiti passou a ser dependente político e econômico em relação aos Estados Unidos, tornando-se um dos maiores importadores de arroz estadunidense. Atualmente, mais de 70% da população vive com menos de dois dólares por dia.

No início de setembro desse ano de 2008, o Haiti sofreu mais danos materiais e humanos pela passagem de intensos furacões. Esse país é castigado por várias tormentas devido a sua posição geográfica, o que dificulta o desenvolvimento da sua agricultura e agrava a situação miserável da sua população.

Uma das regiões do planeta que também sofre com a fome é o continente africano, onde a situação parece piorar por numerosos fatores como a instabilidade política, os conflitos armados, as guerras civis, a corrupção política e o péssimo gerenciamento dos suprimentos alimentícios. Um exemplo é Uganda que, na década de 1980, apresentou uma das piores taxas de mortalidade da história, 21% da população morreram, incluindo 60% das crianças.

Atualmente, a crise do setor de alimentos atingiu a população pobre da Zâmbia, Moçambique e Angola. A Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) estima que cerca de 12,8 milhões de pessoas correm o risco de morrerem se não receberem ajuda humanitária, com urgência.

Atualmente dez milhões de pessoas morrem a cada ano por causa da fome, de acordo com dados da ONU. Mais de vinte e cinco mil mortes por dia e 75% dessas pessoas viviam em áreas rurais principalmente na Ásia e na África. No sul do continente africano, já é contabilizado 524 milhões de vítimas da fome. Dados da FAO indicam que uma criança morre de fome a cada cinco segundos no mundo.

O preço do arroz, do feijão e da carne gera preocupação para nós brasileiros. Embora não haja desabastecimento, a cotação do arroz no mercado internacional elevou o preço deste produto básico da mesa da nossa população. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) aumentaram-se os gastos com a cesta básica de alimentos e com a carne.

No Brasil, políticas sociais compensatórias vem sendo implantadas desde o governo de Fernando Henrique e ampliadas já no primeiro governo Lula, no intuito de minimizar o problema da fome para as classes com baixo poder aquisitivo. Trata-se da Bolsa Família e do Fome-Zero, programa que reuniu vários outros, criados para assegurar o direito à alimentação adequada às pessoas com dificuldades de acesso aos alimentos. As estatísticas vinculadas na imprensa mostram que a fome no Brasil diminuiu, mas a miséria não acabou. Entretanto, acreditamos que o assistencialismo não irá suprir esse problema global.

Há argumentos que tentam justificar a causa da fome mundial, mas que não são cabíveis. O

argumento que o mundo não pode produzir alimento para todos os seus habitantes não é sustentável, pois a Terra (ainda) tem recursos suficientes para manter seus habitantes.

Onde está o problema? Seria um dos efeitos da má distribuição de renda e da predominância dos interesses das grandes empresas internacionais?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROMANO, Jorge. A forme que dá lucro. IN: Le Monde Diplomatique Brasil, julho/2008, p. 10-11.

Jornal Folha de São Paulo. (26/05/08)

Wehrmann, Magda Eva et al. Biodiesel de soja: política energética, contribuição das oleaginosas e sustentabilidade. Disponível em <www.anppas.org.br>

Estados Unidos pretendem reduzir limite de subsídio agrícola para US\$ 15 bilhões. Financial Times (23/07/08)

Especial “Biocombustíveis e alimentos”. Revista Veja. Abril de 2008.

MITTAL, Anuradha; MORENO, Camila. A aliança do Etanol: ameaça à soberania alimentar e energética. Disponível em <http://www.mst.org.br>

Revista Carta Capital – 30 de abril de 2008.

<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise-dos-alimentos/contexto2.html>

<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=33348>

<http://www.scielo.br>

<http://www.aondevamos.eng.br/textos/texto09.html>

<http://www.fomezero.gov.br/o-que-e>